



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS-CAMPUS III
CURSO DE LETRAS

BRUNO DE ARAÚJO COSTA

**UTILIZAÇÃO DO GÊNERO CONTO COMO ESTRATÉGIA PARA
DESPERTAR O GOSTO PELA LEITURA**

GUARABIRA-PB

2016

BRUNO DE ARAÚJO COSTA

**UTILIZAÇÃO DO GÊNERO CONTO COMO ESTRATÉGIA PARA
DESPERTAR O GOSTO PELA LEITURA**

Trabalho apresentado à Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Letras-Português, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima de Souza Aquino.

GUARABIRA-PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C837u Costa, Bruno de Araújo
Utilização do gênero conto como estratégia para despertar o
gosto pela leitura [manuscrito] / Bruno de Araujo Costa. - 2016.
25 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Maria de Fátima de Souza Aquino,
Departamento de Letras".

1. Conto. 2. Leitura. 3. Produção Textual. I. Título.
21. ed. CDD 028.5

BRUNO DE ARAÚJO COSTA

**UTILIZAÇÃO DO GÊNERO CONTO COMO ESTRATÉGIA PARA
DESPERTAR O GOSTO PELA LEITURA**

Trabalho apresentado à Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Letras-Português, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima de Souza Aquino.

Área de concentração: Texto e os gêneros textuais.

Aprovado em: 02 / 05 / 2016

BANCA EXAMINADORA

Maria de Fátima de Souza Aquino
Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima de Souza Aquino (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba-UEPB

Eneida O. Dornellas de Carvalho
Prof.^a Dr.^a Eneida Oliveira Dornellas de Carvalho (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba-UEPB

Juarez Nogueira Lins
Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba-UEPB

RESUMO

Este estudo aborda o gênero conto como meio de articular a leitura e a produção textual. Apresenta uma análise da pesquisa realizada junto ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência- PIBID, em salas de aula do 6º ano do ensino fundamental no Centro Educacional Osmar de Aquino, localizado no município de GUARABIRA-PB. O objetivo desse artigo é refletir sobre a importância dos gêneros textuais para o ensino/aprendizagem da prática de leitura e produção de textos. E, conseqüentemente, destacar alguns entraves que ainda perduram no ensino-aprendizagem da leitura e escrita. A pesquisa fundamenta-se nos estudos de Koch (2011) aborda técnicas que abrangem a prática de leitura e produção de textos; Bakhtin (2005) em relação ao gênero discursivo, leva em consideração o conteúdo temático, o estilo de língua e a construção composicional; Marcuschi (2002) discute a prática dos gêneros textuais como uma base sociocomunicativa e Geraldi (2006) discute o ensino de leitura e escrita. A metodologia desenvolveu-se através da prática do projeto, o qual apresenta uma experiência de ensino aprendizagem de leitura e produção do gênero textual conto, por meio de atividades de leitura de diversos textos e produção do gênero trabalhado. Os resultados em relação ao trabalho com a leitura dos contos mostraram-se satisfatórios, uma vez que, o trabalho despertou o interesse próprio dos alunos pela leitura. Obtivemos bons resultados na entonação de voz, na postura, no aperfeiçoamento da oralidade e no desenvolvimento da capacidade crítica e criativa dos alunos. Em relação aos resultados da primeira produção dos contos, foram observados pontos que ainda precisavam ser melhorados, pois os alunos apresentaram dificuldades no domínio do gênero, na falta de coesão e coerência e na composição do clímax. Também foram apresentados bons resultados quanto à primeira produção, uma vez que, os alunos abordaram bem a questão da apresentação das personagens, do espaço e do tempo. Na segunda produção, os alunos evoluíram na construção da estrutura do gênero, se tornaram prudentes no que se refere à pontuação e sentido do texto e a maioria dos alunos tiveram a capacidade de interligar o clímax ao desfecho.

Palavras-chave: Conto, Leitura, Produção Textual.

1. INTRODUÇÃO

A leitura é algo essencial para adquirirmos conhecimento, por isso, o professor precisa desenvolver atividades pedagógicas que levem o aluno ao hábito de ler por prazer. A leitura serve para nos aperfeiçoarmos como pessoas, dando-nos habilidades para a execução de inúmeras atividades que realizamos em nossa vida social, acadêmica e profissional, por isso, devemos sempre ressaltar o valor e a importância que a leitura tem para nossa vida.

O presente trabalho relata a nossa experiência vivenciada como um dos alunos integrantes do PIBID, sob a supervisão da professora junto às turmas do 6º ano do Ensino Fundamental II do Centro Educacional Osmar de Aquino, localizado no município de Guarabira. Trata-se do projeto “Utilização do gênero conto como estratégia para despertar o gosto pela leitura” que surgiu a partir da percepção acerca das dificuldades de leitura e escrita apresentadas pelas turmas.

O desenvolvimento desse projeto se deu durante todo o ano de 2015, após identificação de problemas provenientes, sobretudo, de leitura, conseqüentemente, de produção textual. Diante dessa realidade, trabalhamos leitura, pesquisa, produção textual e a análise linguística dos textos produzidos pelos alunos.

A escolha do gênero textual conto se deu por ser uma narrativa curta, com um número de personagens reduzido e de fácil leitura e compreensão para os alunos que não leem com frequência.

Na elaboração deste projeto utilizamos como embasamento teórico Koch (2011) que aborda as técnicas que abrangem a prática de leitura e produção de textos; Bakhtin (2005) que, em relação ao gênero discursivo, leva em consideração o conteúdo temático, o estilo de língua e a construção; Marcuschi (2002) que discute a prática dos gêneros textuais como uma base sociocomunicativa e Geraldi (2006) que discute o ensino de leitura e escrita.

O objetivo principal deste projeto foi desenvolver o gosto pela leitura e escrita, de forma que os alunos tomassem consciência da importância do ato de ler e escrever, sem que tal atividade se tornasse algo desgastante na prática da sala de aula, mas um hábito cotidiano e prazeroso na vida dos alunos.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: inicialmente, apresenta o **primeiro tópico- à introdução**; Em seguida, o **segundo tópico- A Prática de leitura de gêneros textuais na sala de aula**- que apresenta a importância de se

adquirir o hábito de ler; no **terceiro tópico, intitulado Constituição do aluno leitor por meio dos gêneros textuais**, procuramos enfatizar a prática pedagógica do professor de língua portuguesa, mais especificamente no que se refere à utilização dos gêneros textuais para o ensino de leitura e produção de textos; em seguida, no **quarto tópico- Formação do aluno leitor: o conto na sala de aula**- descrevemos o trabalho metodológico desenvolvido com base no gênero textual conto, para incentivo à leitura e escrita; na sequência expomos no **tópico quinto a discussão** sobre as atividades trabalhadas e suas contribuições para a formação dos alunos; por fim **as considerações tópico sexto** e as **referências**.

2. A PRÁTICA DE LEITURA DE GÊNEROS TEXTUAIS NA SALA DE AULA

Sabemos que a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, dos seus conhecimentos, prévios, lingüísticos e textuais. É um processo de produção e investigação de suposições que levam o leitor a compreender textos diversos. A leitura exige competência e habilidades do leitor para levar ao texto os conhecimentos já existentes e, assim, fazer uma interação com novos saberes. Para tanto, é preciso ativar: lugar social, vivências, relações com o outro, valores da comunidade e conhecimentos textuais, proporcionando ao leitor um significativo crescimento cultural.

A leitura enriquece o vocabulário, viabiliza o exercício da imaginação e proporciona a libertação e a autonomia para o aluno construir um ponto de vista. Em relação ao ato de ler Geraldi apud Lajolo (2006) afirma que:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Segundo a autora, a leitura dá liberdade ao leitor para que este descubra o sentido do texto proposto pelo autor. Portanto, a leitura liberta a imaginação do leitor e faz com que ele tenha autonomia para argumentar, maturidade para refletir e dar significados diferentes ao texto lido.

É evidente que a linguagem está presente em toda nossa vida. É através dela que interagimos uns com os outros e com tudo que está ao nosso redor. Koch (2007) apresenta as diferentes posições teóricas de linguagem que envolve questões de ensino aprendizagem e que levam a diferentes concepções de leitura. A autora apresenta três concepções: uma concepção de Língua como representação do pensamento, outra que vê a língua como estrutura e uma que a entende como lugar de interação (interacionista) que é a que foi adotada no desenvolvimento do projeto.

Para Koch (2007), na concepção de língua como representação do pensamento, o sujeito faz a leitura visando à perspectiva do autor, ou seja, o significado do texto está voltado para a representação do pensamento do autor e não permite nenhuma influência do leitor relacionada à sua experiência de mundo e aos conhecimentos que este possui. Ao leitor cabe apenas fazer uma captação do que o autor pretende transmitir no texto.

Na concepção de língua como estrutura, Koch (2007) considera a língua como um código e afirma que o leitor tem o papel de seguir as pistas e marcas deixadas pelo autor para se desvendar o sentido do texto. Basta ao leitor conhecer o código utilizado, já que, nessa concepção, o leitor é limitado à mensagem do texto.

Com base na concepção interacional da língua, a leitura tem uma forte influência na elaboração do sentido do texto, ficando entendido que o sentido dado ao texto está rigorosamente vinculado aos saberes da língua e da realidade social do indivíduo. Mediante tal concepção, a leitura dá espaço para que o leitor tenha confiança para criticar a ideia de um texto, baseando-se no que ele sabe e na sua experiência de vida. Assim, a leitura constitui-se em uma atividade complexa em que os indivíduos interagem, sempre respeitando os conhecimentos característicos dos lugares sociais de cada um.

Segundo Koch (2007, p. 10-11), na concepção interacional da língua,

Os sujeitos são vistos como autores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto, considerado o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores. Desse modo, há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação. Nessa perspectiva, o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexista a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na

superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

De acordo com a autora, a leitura é um trabalho que valoriza a bagagem do saber que o aluno traz consigo para interagir junto com a situação comunicativa a que o texto se refere. Deste modo, o aluno pode e tem a total liberdade de dar sentidos ao texto de acordo com a noção de mundo vivenciada por ele.

Como se trata de uma prática social complexa, se a escola pretende converter a leitura em processo de aprendizagem, deve preservar sua natureza e sua complexidade sem descaracterizá-la. O professor deve possibilitar aos alunos o contato sistemático com materiais adequados de leitura e com um bom modelo de leitor. Precisa, ainda, incentivá-los a participarem de práticas em que a leitura seja fundamental para o aprendizado. Para isso, é preciso fazer com que os alunos, no decorrer do trabalho aplicado, descubram e tenham um bom entendimento do grande valor que a leitura e a escrita representam, de forma significativa, em suas vidas.

Em relação ao trabalho com a leitura de gêneros, já que ela é uma atividade interativa, devemos sempre fazer com que este trabalho esteja presente em sala de aula, uma vez que, é por meio dele que o aluno desenvolve sua habilidade para realizar uma boa leitura. De acordo com Marcuschi (2002, p.19), gêneros textuais:

São fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando auto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos.

Segundo Marcuschi o trabalho com gêneros textuais oportuniza a descoberta das habilidades que o estudante traz consigo, advindas de suas experiências de mundo e de sociedade, dessa forma, os gêneros interagem de maneira funcional nas culturas, fazendo um grande diferencial na comunicação, pois, eles possuem um maior destaque na sua função social e estão sempre interagindo com as formas diferenciadas do uso da linguagem. Em relação ao ponto de destaque na caracterização dos gêneros, Marcuschi (2002, p. 21) enfatiza que:

É bom salientar que embora os gêneros textuais não se caracterizem nem se definam por aspectos formais, sejam eles estruturais ou linguísticos, e sim por aspectos sócios comunicativos e funcionais, isso não quer dizer que estejamos desprezando a forma. Pois é evidente, como se verá, que em muitos casos são as formas que determinam o gênero e, em outros tantos serão as funções. Contudo, haverá casos em que será o próprio suporte ou o ambiente em que os textos aparecem que determinam o gênero presente.

De acordo com o autor, apesar dos gêneros textuais ser identificados através de particularidades sociais comunicativas e funcionais, os aspectos estruturais esclarecem e confirmam determinado tipo de gênero. Cabe ao profissional realizar uma atividade educativa que encaminhe o aluno a um resultado positivo, no que se refere ao trabalho com gêneros textuais, norteando-o para que ele tenha um entendimento mais amplo, crítico e analítico dos textos que estão a sua volta.

De acordo com Marcuschi (2002, p.35):

No ensino de uma maneira geral, e em sala de aula de modo particular, pode-se tratar dos gêneros na perspectiva aqui analisada e levar os alunos a produzirem ou analisarem eventos linguísticos os mais diversos, tanto escritos como orais, e identificarem as características de gênero em cada um. É um exercício que, além de instrutivo, também permite praticar a produção textual.

Para o autor, é muito importante ter um devido conhecimento da atuação dos gêneros textuais em sua função social, como também saber identificar sua estruturação, pois, uma atividade que faça o aluno destacar os aspectos estruturais do texto também é algo que instiga o aluno para uma futura produção textual dos mais variados gêneros existentes.

Para tornar os alunos competentes e responsáveis em relação à prática de leitura, a escola deve incentiva-los a irem em busca do ambiente que lhes permitam o contato com livros, pois essa é uma prática que exige dedicação. A escola deve fazer o aluno reconhecer que a leitura é algo que lhe dará liberdade e independência, e que só cabe a ele ter vontade de querer buscar essa conquista. Brasil (1997).

O desenvolvimento do hábito de leitura nos alunos depende de um ambiente agradável que proporcione momentos favoráveis no processo de ensino aprendizagem, desse modo, a biblioteca escolar é o ambiente indispensável para o aluno adquirir o gosto e o prazer pela leitura de forma espontânea e dinâmica.

Dessa forma, a prática de leitura na biblioteca deve acontecer de forma prazerosa, de maneira que os alunos possam conhecer aquele ambiente de forma descontraída, não como uma forma de castigo ou até mesmo obrigação. Geraldi (2006, p. 61) já nos alerta para essas questões quando afirma que “não se deve tornar o ato de ler um martírio para o aluno”, já que o processo de aquisição da leitura é um processo muito mais abrangente quando realizado por prazer, do que quando realizado por obrigação.

Mediante essas afirmações, consideramos as atividades com gênero textual enriquecedoras de conhecimento, pois cada gênero possui um conteúdo específico, um estilo e um plano composicional. E quanto ao trabalho com um texto de pequena extensão, Geradi (2006, p.64) afirma que “a leitura de um texto curto (noticiário, crônica, conto, etc.) não exerce uma função aleatória na sala de aula. Com os textos curtos, o professor poderá exercer sua função de ruptura no processo de compreensão da realidade”.

Segundo o autor, o trabalho com textos curtos é muito importante para os alunos, eu concordo com esse pensamento, uma vez que, os textos curtos aproximam os alunos ao hábito de ler fazendo o aluno querer ler, e dessa forma ajudam o aluno a se familiarizarem e gostarem dessa prática.

Com isso, percebemos que o conto por ser uma narrativa curta e de um enredo simples, proporciona o interesse e o gosto pela leitura, como também o domínio pleno de sua estrutura, para então, a realização de uma produção do devido gênero trabalhado.

É preciso criar condições para o desenvolvimento do uso da linguagem que satisfaça as necessidades pessoais e sociais, pois é isso que responde às exigências da vida diária e favorece a reflexão crítica e imaginativa da realidade. O texto literário deve estar na escola como todos os outros tipos de textos, pois apresenta vivências da humanidade e apresenta saberes e conhecimentos que devem ser discutidos e valorizados.

Sabemos que leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, dos seus conhecimentos sobre o assunto. Como afirma Antunes (2003, p. 70), “a leitura é uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da escrita”.

Com isso percebemos o quanto a leitura é importante para o nosso convívio

no dia a dia, uma vez que, o desenvolvimento da capacidade de leitura implica um desenvolvimento prévio da linguagem e esta requer uma interação com outros indivíduos e uma prática constante de leitura de vários gêneros.

Com o intuito de tornar a leitura um importante meio de adquirir conhecimentos linguísticos, nós professores somos os responsáveis pelo incentivo de atividades que envolvam os alunos em práticas de leituras, para assim, desenvolver a oralidade e uma leitura fluente. Para esse pensamento já nos orienta Solé (1998, p.70) quando afirma que “se as estratégias de leitura são procedimentos e os procedimentos são conteúdos de ensino, então é preciso ensinar estratégias para a compreensão de textos”.

Com esse aporte, devemos dispor de métodos estratégicos que mobilizem o aluno na busca pelo hábito de ler e incentivá-lo à troca de experiência, despertando nele a importância de ler por prazer e não por obrigação. Desta forma, esperamos que o trabalho desenvolvido em nossas aulas enriqueça a oralidade, a fluência de leitura e interpretação do texto lido, para assim, construirmos uma sociedade mais ativa em relação ao interesse pela leitura.

Nesse procedimento de ensino aprendizagem, devemos disponibilizar momentos de interação, em que o aluno possa manifestar o seu entendimento sobre o tema abordado na aula e possibilite ter uma mentalidade estratégica que favoreça ao leitor em formação, o despertar por uma leitura prazerosa e que sejam eles os mediadores de um conhecimento aprofundado. Com esse ponto de vista, que fala sobre as estratégias de leitura como uma ferramenta fundamental para desenvolver esse trabalho em sala de aula Solé (1998, p. 70) aponta que:

Se considerarmos que as estratégias de leitura são procedimentos de ordem elevada que envolvem o cognitivo e o metacognitivo, no ensino podem ser tratadas como técnicas precisas, receitas infalíveis ou habilidades específicas. O que caracteriza a mentalidade estratégica é sua capacidade de representar e analisar os problemas e a flexibilidade para encontrar soluções. Por isso, ao ensinar estratégias de compreensão leitora, entre os alunos deve predominar a construção e o uso de procedimentos de tipo geral, que possam ser transferidos sem maiores dificuldades para situações de leitura múltiplas e variadas.

Mediante essas afirmações somos direcionados a aportar um ensino de leitura que venha a interagir na construção do saber proporcionado na busca de soluções. Por isso, é de grande valia para o aluno leitor ler e compreender o que leu,

podendo assim, desenvolver a oralidade, a escrita e o estudo linguístico e ortográfico sem dificuldades para a realização de uma leitura fluente e consciente de diversos textos com que ele possa se deparar ao longo da vida.

Assim, no momento da leitura, o aluno leitor, com conhecimentos prévios, estabelece sentidos, adquire novo saber e amplia seus conhecimentos. Por meio da experiência leitora inicial e da sua competência comunicativa, o leitor controla a leitura do texto, e pode mencionar ou não fragmentos de outro texto que se enquadram ou não com a sua visão de mundo e com seus elementos de conhecimento. Com isso, um texto apresentará leituras variadas por parte de leitores em formação diferentes, ou mesmo, da parte de um único leitor em ocasiões diversas, o que dependerá de seu universo de experiências.

Em relação ao trabalho com a leitura, Rossi (2008, p. 63) afirma que:

As atividades de leitura, em cada caso, devem levar os alunos a perceber que a composição do gênero – em todos os seus aspectos verbais e não-verbais, nas informações que apresenta ou omite, no destaque que dá a algumas mais do que a outras – é planejada de acordo com sua função social e seus propósitos comunicativos. Isso contribui para a formação de um cidadão crítico e participativo na sociedade.

De acordo com o que diz o autor, as atividades de leitura na sua individualidade devem fazer com que os alunos conheçam e conseqüentemente percebam que o gênero em si é destinado para atuar em algum aspecto social e seus interesses comunicativos, proporcionando, assim, aos indivíduos, mais participação na sociedade.

Ainda sobre a finalidade do uso de gêneros, Rossi (2008, p. 63) destaca que:

A leitura de gêneros discursivos na escola não pressupõe sempre a produção escrita. Esta, no entanto, pressupõe sempre atividades de leitura para que os alunos se apropriem das características dos gêneros que produzirão. É por isso que, no meu entender, um projeto pedagógico para produção escrita deve sempre ser iniciado por um módulo didático de leitura para que os alunos se apropriem das características típicas do gênero a ser produzido.

Aqui a autora defende que o trabalho com leitura de gêneros não exige, de imediato, sempre a escrita do gênero. Para ela, o interessante é prolongar as atividades de leitura, para que dessa forma, os alunos possam identificar a estrutura do gênero trabalhado e, em seguida, irem se familiarizando com o gênero, podendo

assim, conhecer melhor o mesmo. Somente após esta fase caberá propor a produção do respectivo gênero.

O próximo tópico trás como tema central a utilização dos gêneros textuais como um meio de incentivo da leitura e escrita nas aulas de língua portuguesa.

3. CONSTITUIÇÃO DO ALUNO LEITOR POR MEIO DOS GÊNEROS TEXTUAIS

Sabemos que o ensino de leitura enquadra-se com um trabalho por meio de texto. Dessa forma, o trabalho com diversos textos torna-se uma atividade comum na escola, assim, torna-se necessário que o professor faça um planejamento especial de como desenvolver este trabalho, já que inúmeros são os modos de desenvolvê-lo. Assim, entre os inúmeros aspectos que podemos trabalhar com base em textos, entre eles está o estudo dos gêneros textuais. Como nos lembra Marcuschi (2008, p. 15) “é inegável que a reflexão sobre gênero textual é hoje tão relevante quanto necessária, tendo em vista ser ele tão antigo como a linguagem, já que vem essencialmente envolto em linguagem”.

Segundo o autor, os gêneros estão muito ligados aos acontecimentos relacionados às atividades sociais e intimamente vinculados ao funcionamento da língua. Por isso, devemos analisar os gêneros pelo seu lado dinâmico e interativo, sem esquecer os seus aspectos estruturais.

De acordo com tal estudo, Marcuschi (2008) afirma que não podemos isolar de forma generalizada o texto e o discurso, e sim aproximar e relacioná-los como complementos da atividade enunciativa, o discurso como objeto do dizer (a enunciação) e o texto como objeto da figura (a configuração), estando o gênero entre os dois, condicionando a atividade enunciativa e tornando-se uma prática social caracterizada com determinadas situações comunicativas.

Partindo dessa posição, está claro que o uso da língua e seu envolvimento social são indispensáveis para a realização das atividades interativas, independentemente do seu quadro social. Segundo Marcuschi (2008), não devemos imaginar que a distinção entre gênero e tipo textual forme uma visão dicotômica, pois eles são dois aspectos constitutivos do funcionamento da língua em situações comunicativas da vida diária, desse modo, podemos dizer que os tipos textuais estão intimamente ligados aos gêneros, pois eles os estruturam e auxiliam na sua

caracterização e concretização, daí revelando a fundamental importância da articulação entre eles no ensino de leitura e produção textual. Para Marcuschi (2008, p. 154), tipo textual é:

Uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente aos textos} definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}. O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. O conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e sem tendência a aumentar”.

De acordo com o autor, os tipos textuais são exposições que se preparam e se reúnem de acordo com o seu propósito de comunicação. Comparados aos gêneros, os tipos textuais se mostram como uma pequena quantidade, mas servem de apoio para a grande diversidade de gêneros, estando sempre disponíveis para auxiliá-los em suas necessidades, apresentando-se com características bem definidas. Por isso, é indispensável sabermos classificar os textos com os quais nos deparamos no nosso dia a dia.

Muito é o interesse de descrever e determinar tanto a noção de gênero quanto as suas classificações. Em geral, os aspectos mais adotados para tal atividade de identificação são as questões sócio comunicativas referentes à função e organização, ao conteúdo e onde este conteúdo está presente e para quais indivíduos envolvidos.

Em relação a essa questão Marcuschi (2008, p. 19) aponta que:

A noção de gênero vem envolta num conjunto relativamente extenso de parâmetros para observação, tendo em vista a complexidade do fenômeno que envolve aspectos linguísticos, discursivos, sócio interacionais, históricos, pragmáticos, entre outros. Eles são fenômenos relativamente plásticos com identidade social e organizacional bastante grande e são parte constitutiva da sociedade. Acham-se ligados às atividades humanas em todas as esferas e em muitos casos, dão margem às marcas de autoria e estilo próprio em graus variáveis (...). Os gêneros são desiguais em certas funções e é por isso, que eles proliferam para dar conta da variedade de atividades desenvolvidas no dia-a-dia.

De acordo com Marcuschi, a ideia de gênero e o desenvolvimento de um estudo que possa classificar e descrever os gêneros que transitam em uma sociedade é uma tarefa muito complexa, pois embora que cada gênero, de maneira

individual, seja uma forma relativamente estável de construção de enunciados, como foi dito, eles modificam-se de acordo com as próprias mudanças sociais. Além disso, em consequência dessas mesmas mudanças, novos gêneros aparecem da mesma forma que outros desaparecem, pois a ação e a interatividade das formas e funções dos gêneros estão ligadas ao modo como circulam os artefatos culturais e, em particular, os textos. Assim, fica claro que temos gêneros que circulam indispensavelmente entre toda população como algo construtivo da vida social. Outros gêneros são pertencentes a certas posições sociais e outros são procurados por serem prazerosos, como os literários, por exemplo.

Podemos dizer que a leitura está presente durante todo decorrer da vida das pessoas e nas práticas sociais que a articula com a escrita, isto é, as práticas de letramento. O processo de apropriação da literatura ocupa um lugar único e especial em relação à linguagem, isso porque, ele proporciona ao aluno inserir-se em uma comunidade, manipular seus instrumentos culturais e construir com eles sentido para si e para o mundo em que vive, caminhando para o desenvolvimento da fala através da prática. Por isso, o trabalho com a literatura necessita que a escola dê uma atenção especial a esses textos, proporcionando um lugar adequado para a interação com obras literárias, e dando a liberdade e o espaço necessário para o aluno poder escolher um texto de maneira prazerosa.

O texto literário, indispensavelmente, deve estar na escola como todos os outros gêneros, pois apresentam experiências humanas de conhecimento que devem ser mostradas e consideradas. É importante colocar o aprendiz em contato com a literatura para que ele possa reconhecer as sutilezas desta e possa apreciar as construções literárias.

Em nossa sociedade, a prática da leitura de textos literários é sempre vista de maneira positiva, pois a literatura ocupa um lugar único em relação à linguagem e sua falta resulta em uma diminuição no desenvolvimento social, sendo assim, é preciso enfatizar a ideia de que, por meio da leitura de textos literários, os alunos são capazes de se transformar em sujeitos pensantes, críticos e atuantes na sociedade, por isso, devemos procurar fortalecer e ampliar a educação literária que se oferece no ensino fundamental.

O trabalho com textos literários possibilita ao leitor o contato com a arte da palavra e com o prazer pela fantasia, carregado de originalidade e encanto. E para que esse trabalho funcione devemos escolher o gênero específico para cada nível

de ensino. Por isso, afirmamos que o gênero conto foi o mais adequado para as turmas trabalhadas, proporcionando uma contribuição no despertar para o desejo pela leitura e produção do gênero.

A partir disso reconhecemos a importância dos gêneros determinados como práticas sociais de comunicação, em que o conto está presente ativamente nessa interação, no entanto, apesar da interatividade e do envolvimento que o conto proporciona ao leitor, não é fácil descrevê-lo.

Muito tem se tentado explicar a história da Teoria do Conto, no entanto sempre surgem muitas outras dúvidas sobre tal gênero, daí o surgimento de muitas questões: afinal, o que é o conto? Qual sua situação enquanto narrativa, ao lado da novela e do romance, seus parentes mais extensos? E mais: até que ponto este caráter de extensão é válido para determinar sua especificidade?

Tais questões despertam outras, mas é de se julgar que o assunto é bem mais antigo que a necessidade de sua explicação. Isso porque o princípio de contar histórias não tem uma definição e continue como hipótese que nos leva a uma época que não se comprova e nem dá pista sobre a existência da escrita.

Alguns estudiosos da Teoria do Conto alegam que definir o gênero conto é tarefa muito árdua, pois envolve uma série de particularidades que não podem ser esquecidas, porque são fundamentais para a compreensão deste gênero textual.

No estudo Teoria do Conto, Gotlib (2006) nos oferece um ponto de vista mais abrangente sobre as características do conto ao juntar diversas teorias e pesquisas sobre o assunto e expor um estudo cuidadoso e compreensível.

Como descrito por Gotlib (2006, p.13),

A história do conto, nas suas linhas mais gerais, pode se esboçar a partir deste critério de invenção, que foi se desenvolvendo. Antes, a criação do conto e sua transmissão oral. Depois, seu registro escrito. E posteriormente, a criação por escrito dos contos, quando o narrador assumiu esta função: de contador-criador-escritor de contos, afirmando, então, o seu caráter literário.

Segundo a autora, ao longo dos anos, houve uma sucessão de mudanças que marcaram o desenvolvimento de tal gênero, fazendo-o chegar ao seu caráter atual de gênero.

O narrador é um dos elementos base da narrativa literária, podendo apresentar-se de várias formas, por isso é muito importante conhecer e saber

explorar cada forma que o caracteriza. Em relação às características do conto, Gotlib (2006, p.14) afirma que:

Podem pertencer a este ou aquele gênero: podem ser, por exemplo, romances, poemas ou dramas. Convém considerar que esta “classificação” também tem sua história. Há fases em que ela se acentuou: a dos períodos clássicos, por exemplo, (a Antiguidade Greco-latina, a Renascença) em que há para cada gênero um público e um repertório de procedimentos ou normas a ser usado nas obras de arte. E há períodos em que estes limites se embaralham, em que se dilatam as possibilidades de misturar características dos vários gêneros e atingir até a dissolução da própria ideia de gênero e de normas: é o que acontece progressivamente do Romantismo até o Modernismo.

Segundo Gotlib (2006), a enorme criatividade das narrativas modernas não diminui a importância das unidades que a integram e a fizeram chegar a esse grau de modernidade, pois os clássicos sempre estimulam o pensamento e são fundamentais para tal evolução.

De acordo com a autora, o conto tem como uma das características narrar um acontecimento de interesse humano, pois, independentemente de serem reais ou não, possuem o seu determinado valor.

Quanto à questão das características que fazem o conto se assemelharem a outro gênero, Gotlib (2006) especifica a relação que ele tem com a fábula e com a parábola, tendo em vista que a primeira é bastante breve e transmite uma ideia moral; a segunda é uma narrativa curta que tem como objetivo o ensinamento ético e moralista. Uma se diferencia da outra por ser protagonizada por animais, porém, ainda assim, o conto apresenta semelhanças comuns com ambos os gêneros mencionados.

No entanto, para determinar o significado do gênero conto é interessante conhecermos o conto maravilhoso, do qual Propp apud Gotlib (2006) estabelece uma morfologia, que faz uma caracterização de tal gênero, segundo as unidades que o organizam e segundo as relações destas unidades entre si como um todo no conto.

Gotlib (2006) ao citar Propp afirma, ainda, que o conto maravilhoso apenas se revela estático, no entanto, não está sentenciado a invariabilidades, pois na visão do autor, a partir de cada tipo narrativo podem-se desenvolver outros derivados. Ele afirma que o conto era tido como uma narrativa a traduzir o imaginário, capaz de

representar o mundo dos sonhos, do inconsciente, das relações, dos conflitos, do que era marginalizado e para formação de valores.

Em relação à teoria de Poe, Gotlib (2006) afirma que seu princípio fundamental é o da “unidade de efeito”, ou seja, o conto deve ser planejado com o intuito de causar uma reação emocional no leitor. Este gênero é “uma prosa narrativa curta, que requer de meia hora a uma ou duas horas de leitura atenta”. (POE apud GOTLIB, 2006 p.33-34).

Podemos ver aqui que o conto não tem obrigação de descrever ao “pé da letra” o que é real. No entanto, tem como ponto central a criatividade de representá-la de forma literária.

O conto necessita de um efeito ou impressão que provoque no leitor um abalo emocional, para outros, é o próprio conto que simboliza um momento especial em que algo acontece. Esse momento especial existente no conto é chamado de epifania.

Segundo Gotlib apud Joyce (2006) epifania é uma técnica narrativa de manifestações humanas, ou seja, um modo de ajustar algo por intermédio do sujeito, provocando dessa forma uma intuição sobre uma respectiva realidade.

4. FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR: O CONTO NA SALA DE AULA

O referido trabalho foi desenvolvido em três turmas do 6º ano do Ensino Fundamental II do Centro Educacional Osmar de Aquino localizado no município de Guarabira.

A metodologia se deu através da prática do projeto, no qual foi trabalhado o gênero textual conto por meio de oficinas de leitura, pesquisa e produção textual feita pelos alunos e, posteriormente, a análise linguística dos textos produzidos.

De início, identificamos as dificuldades apresentadas pelos alunos; em seguida, observamos a realidade particular do comportamento dos alunos em sala de aula e constatamos problemas de leitura que, conseqüentemente, ocasionam dificuldades para a produção de textos. Depois desse momento, fizemos um planejamento metodológico com a finalidade de melhorar a leitura e a escrita.

No primeiro momento, realizamos uma conversa informal procurando enfatizar a importância do ato de ler para, posteriormente, apresentar o gênero textual trabalhado no projeto. Logo após esta fase, fizemos uma leitura do texto

“Senhora Holle” dos irmãos Grimm (texto integrante do livro didático), o qual se identifica com o gênero conto maravilhoso.

Dando continuidade ao projeto, proporcionamos momentos de leitura em que os alunos puderam sair do ambiente de sala de aula para aproveitar o espaço da biblioteca escolar. Dessa forma, pudemos proporcionar o contato direto dos alunos com livros de contos que havia disponíveis, e assim, realizar suas escolhas independentes da indicação do professor e dos alunos bolsistas do PIBID, permitindo, assim, o despertar do gosto pela leitura de uma maneira descontraída e interativa.

No segundo momento desse projeto, levamos para sala de aula o conto “Sábio como camelos” (José Eduardo Agualusa) que apresenta a importância do hábito de ler. Na ocasião, realizamos leitura individual e coletiva seguida de uma conversa informal sobre o texto, na qual os alunos identificaram o real sentido da leitura para suas vidas de falantes da língua e na sua formação como leitores. Para um maior aprofundamento da temática em estudo pedimos que os alunos fizessem uma pesquisa sobre o gênero, seu conceito, suas características e a estrutura, a qual foi apresentada oralmente em sala de aula. A partir das pesquisas apresentadas acrescentamos outras informações sobre o gênero, enriquecendo o conhecimento.

No terceiro momento, pedimos aos alunos uma primeira escrita do conto e utilizamos, como recurso dinâmico para despertar a criatividade, uma caixa com diversas palavras que serviram para os alunos produzirem a primeira escrita do conto. Cada aluno retirou uma opção e fez sua escrita de forma criativa com base na palavra retirada. Em seguida, trabalhamos atividades de leitura de alguns contos produzidos pelos alunos e tomamos o conhecimento das dificuldades apresentadas por cada aluno ao ler o seu texto. Dificuldades estas, que acarretam problemas não só da leitura, mas da própria escrita.

Os resultados obtidos em relação ao trabalho com a leitura de vários contos foram bem agradáveis, pois foi despertado o interesse próprio dos alunos pela leitura, constatado na empolgação e na interatividade entre os alunos nas oficinas ministradas. Também obtivemos bons resultados na entonação de voz, na postura, no aperfeiçoamento da oralidade e no desenvolvimento da capacidade crítica e criativa dos alunos.

Os resultados mencionados são, sem dúvida, fatores de extrema importância

para a formação do sujeito, já que produz maior sentido ao processo interacional de uso da linguagem.

A primeira produção do conto mostrou-se como algo incompleto, revelando insegurança quanto ao domínio do gênero. Apresentavam, em sua maioria, problemas de escrita: coesão e coerência.

Em relação à estrutura que caracteriza o gênero conto, podemos afirmar que, na primeira escrita, os alunos já abordaram bem a questão da apresentação das personagens, do espaço e do tempo.

Outra dificuldade revelada na primeira produção foi a elaboração do clímax, pois na maioria das vezes não se fez a inter-relação com o desfecho, deixando o texto com um sentido vago.

Na segunda produção, comprovou-se que as atividades de revisão foram muito importantes, pois se constatou que os alunos evoluíram em relação à estrutura do gênero estudado, uma vez que se tornaram prudentes no que se refere à falta de pontuação e sentido do texto. A maioria dos alunos teve a capacidade de interligar o clímax ao desfecho, mostrando que o ponto que estava precisando ser melhorado já estava esclarecido, assim, fizemos os alunos empregarem os elementos da narrativa de forma coerente.

5. DISCUSSÃO

No decorrer do projeto, os alunos vivenciaram a leitura do gênero textual conto e realizaram pesquisas e produções sobre o gênero em questão. Essas atividades se mostraram satisfatórias do ponto de vista qualitativo, uma vez que, obtivemos êxito na participação dos alunos.

Ao longo do projeto, fizemos leituras de diversos textos e dos próprios textos produzidos pelos alunos de acordo com suas necessidades. Utilizamos estratégias de atividades sequenciadas de leitura, que, na verdade, são:

Situações didáticas adequadas para promover o gosto de ler e privilegiadas para desenvolver o comportamento do leitor, ou seja, atitudes e procedimentos que os leitores assíduos desenvolvem a partir da prática de leitura: formação de critérios para selecionar o material a ser lido, constituição de padrões de gosto pessoal, rastreamento da obra de escritores preferidos, etc. (...). Nas atividades sequenciadas de leitura pode-se, temporariamente, eleger um gênero, um determinado autor ou um tema de interesse. (BRASIL, 1997 p. 46).

Percebemos, mediante o trecho citado, que nós, enquanto educadores, devemos trabalhar situações que estimulem os alunos ao prazer em ler e desenvolver estratégias que contribuam na formação de seres construtores de saberes críticos e de sentidos em sua relação com o texto.

Essa perspectiva de ensino se expressa como uma forma de instigar o aluno a realizar suas atividades em torno do gênero e de fazer com que ele analise linguisticamente o seu texto por meio de uma reescrita.

A leitura além de possibilitar o desenvolvimento de novas ideias e conceitos, permite que, por sua prática, haja o acesso às especificidades da escrita, desenvolvidas através de atividades mediadas pelos gêneros textuais. Como afirma Antunes (2003 p. 75-76):

É pela leitura que se apreende o vocabulário específico de certos gêneros de textos ou de certas áreas do conhecimento e da experiência. É pela leitura, ainda, que apreendemos os padrões gramaticais (morfológicos e sintáticos) peculiares à escrita, que apreendemos as formas de organização sequencial (como começam, continuam e acabam certos textos) e de apresentação (que formas assumem) dos diversos gêneros de textos escritos. A exposição, pela leitura, é claro, a bons textos escritos é fundamental para a ampliação de nossa competência discursiva em língua escrita.

A autora defende que a leitura proporciona um vocabulário bastante vasto sobre o assunto sobre o qual você deseja ter conhecimento. De acordo com a autora, a leitura nos permite aprender a forma padrão da escrita e ainda a forma específica de cada gênero textual, sendo preciso, apenas, o contato com um bom material para estudo.

Procuramos incentivar nossos alunos na prática de leitura ao supervalorizarmos a leitura de textos variados e dos seus próprios textos. Assim, foi perceptível o entusiasmo dos alunos quanto ao trabalho com o gênero e com as oficinas de leitura. Contudo, mesmo que a leitura seja uma atividade presente nas aulas de língua portuguesa e que seja valorizada na maioria dos livros didáticos, percebemos dificuldades de leitura nos nossos alunos.

Em síntese, foram norteadas as principais dificuldades quanto à leitura, escrita e construção composicional do conto através da perspectiva de ensino aprendizagem utilizada.

Sobre a leitura feita pelo professor, evidenciamos a grande importância dessa atividade, afinal, esta é uma estratégia que oferece um modelo de leitor para os alunos. A leitura do professor tem que ser constante, pois ela amplia os conhecimentos culturais e desenvolve o comportamento do leitor. Por isso, as atividades de leitura, quando realizadas, têm que ter um propósito comunicativo e não serem aplicadas sem um devido planejamento.

A estratégia referida acima foi bastante construtiva, pois manifestou nos alunos o interesse em acompanhar a leitura do texto. Podemos afirmar, também, que houve empolgação por parte das crianças em discutir o texto lido pelo professor, assim, puderam demonstrar suas conclusões sobre o texto lido.

Para reafirmar a importância deste trabalho, o projeto seguiu através de planejamentos com pesquisas metodológicas adequadas para o trabalho com leitura e escrita. Pois, para uma produção final é preciso que se obtenha, através da leitura, um rico repertório de conhecimentos, como também se faz necessário uma releitura e reescrita do texto com a devida instrução e mediação do professor.

Com a perspectiva de expandir a capacidade dos alunos de produzir organizadamente o gênero textual proposto, acreditamos que o estudo dos gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa pode proporcionar um desenvolvimento significativo na oralidade e na escrita, o que contribuirá para um bom desempenho no uso da oralidade e da escrita no cotidiano dos alunos no contexto social.

Enfim, podemos afirmar que as atividades desenvolvidas no trabalho com o gênero “conto” foram satisfatórias. A princípio, houve certo receio de que os alunos não interagissem com o estudo prolongado do gênero solicitado, no entanto, a reação foi bastante acolhedora, já que os alunos mostraram-se entusiasmados, participativos e interessados no desenvolvimento do gênero proposto.

Diante dos resultados obtidos com o estudo do gênero conto, podemos afirmar que o trabalho foi proveitoso para nós bolsistas e para os alunos da escola, uma vez que nos proporcionou ter conhecimento das diferentes situações do contexto escolar e da realidade em sala de aula, que serviu para o nosso aprimoramento profissional. Em relação aos alunos, houve interação com os textos, antes, durante e depois das leituras, revelado nos debates gerados pelos textos lidos. Com isso, fica claro que, é preciso desenvolver atividades com textos adequados, para que o aluno se sinta motivado a desenvolver as atividades propostas.

Enquanto alunos PIBID, nos preparamos para estimular o gosto pelo ato de ler nos alunos. Para tanto, realizamos atividades para ampliação do conhecimento, a fim de atender as mais diversas necessidades de aprendizagem dos alunos. Para desenvolver as atividades planejadas, tivemos alguns contratempos, pois os alunos apesar de bastante interessados apresentaram dificuldades para desenvolver as atividades propostas causando um pouco de atraso na fluência do projeto.

O PIBID foi muito importante para a valorização da iniciação à docência, tornando-se fundamental para nos descobrirmos profissionalmente, possibilitando-nos uma atuação engajada na nossa área de trabalho desde o início da nossa formação. É muito significativo no sentido de proporcionar a todos que fazem parte do programa um contato direto com inúmeras situações de práticas docentes, ao mesmo tempo em que, interliga a prática exercida com a teoria estudada.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que a leitura e a escrita estarão sempre presentes nas aulas de Língua Portuguesa e também no dia-a-dia de nossos alunos. Em função disso, enquanto alunos PIBID, propusemos atividades relacionadas a textos que fazem parte do cotidiano dos próprios alunos. Abordamos o gênero textual “conto” para darmos continuidade ao tema trabalhado, buscando inserir esse gênero na atividade de sala de aula, por se enquadrar em uma narrativa curta e de fácil compreensão. O que nos proporcionou grandes conquistas no campo da leitura e da produção de textos em turmas de sexto ano, na escola abordada, a partir de estímulos aos diversos contos.

Diante desta prática, constatamos que os alunos mantiveram-se interessados no desenvolvimento das sequências que compõem o gênero textual e, a partir destes pressupostos, pudemos contar com a participação dos alunos. Inicialmente, apresentaram muita dificuldade em produzir a atividade proposta, mas no decorrer das aulas, em sua maioria, apresentaram um bom desenvolvimento da leitura e produção dos textos. Consequentemente, essas dificuldades atingem não só a escrita, mas também a leitura.

Com base nos problemas apresentados, buscamos proporcionar aos alunos atividades que resultem na produção de textos e que pudessem fazê-los trilhar os caminhos da leitura. Nessa perspectiva, trabalhamos com o intuito de formar alunos

construtores de suas próprias ideias, com capacidade de despertar o gosto pela leitura de forma, cada vez mais, aprofundada. Pois, o nosso objetivo não se resume ao ato de ler por obrigação, mas na construção de um saber que se solidifica através do prazer, é o que podemos chamar de “ler por prazer”. .

Como professores de língua portuguesa, devemos disponibilizar diversos gêneros textuais que despertem no aluno o interesse e a satisfação. Assim, esperamos que este trabalho possa ser continuado, ensejando uma nova abordagem da leitura e produção de textos na sala de aula, um novo ensino de leitura e produção de textos por meio dos mais diversos gêneros textuais. Nessa perspectiva, somos a ponte que insere o aluno nos caminhos da leitura e escrita, e com esse suporte devemos lançá-los para esse mundo rico em conhecimento e em produtividade. Que eles sejam os transformadores de uma pátria participativa.

Enfim, que nossos alunos possam conhecer o mundo literário, revelando o seu interesse nesse campo do conhecimento com a perspectiva de um despertar mais propício ao seu cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

AGUALUSA, J.E. **Sábio como camelos**. Disponível em <[http:// sdi. letras. up. pt/ uploads/ pdfs/ S% C3% A1bios _como _Camelos.pdf](http://sdi.letras.up.pt/uploads/pdfs/S%C3%A1bios_como_Camelos.pdf)>. Acesso em 30 de Outubro de 2014.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: Estética da criação verbal. 3º ed. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

BRASIL. Ministério de educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 1º e 2º ciclos: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A.R; BEZERRA, M.A (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. 4º ed. São Paulo: Ática, 2006.

GOTLIB, N. B. **Teoria do conto**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Princípios)

IRMÃOS GRIM. Senhora Holle. IN: CEREJA, W. R; MAGALHÃES, T. C. **Português: linguagens, 6º ano: língua portuguesa**. 7º ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

KARWOSKI, Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Siebeneicher (org.). **Gêneros**

Textuais: Reflexões e ensino. 3. ed. rev.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

KOCH, I. G. V; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P; MACHADO, A.R; BEZERRA, M.A (Org.). **Gêneros Textuais e Ensino**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ª ed., Porto Alegre: Artmed, 1998.

ROSSI, Lopes. **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. In: KARWOSKI, A.M; GAYDECZKA, B; BRITO, K.S (Org.). **Gêneros textuais Reflexões e ensino**. 3º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.